

O OLHO E O ESPAÇO

Fenomenologia e Ontofenomenologia do Espaço em M. Merleau-Ponty

Lúis António Ferreira Correia Umbelino



Coimbra 1999

Dissertação de Mestrado em Filosofia Contemporânea apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

INTRODUÇÃO

" (...) interrogar pacientemente toda a visibilidade, aprofundar a latência do visível são modalidades do mesmo olhar sobre a profundidade do mundo."

M. B. Pereira

1. O esquecimento hodierno do Espaço.

Quando, absorvido por um motivo, o pintor sente a natureza reflectir-se, humanizar-se, pensar-se em si⁽¹⁾, sabe que o mundo jamais se oferece na plenitude de uma continuidade objectiva e exaurível, mas apenas na pergunta que o encontra e o desperta sob a forma de uma vibração do inexprimível. É porque ouve esse perguntar que o pintor pode então "ir até às coisas", cumprindo o imperativo que era de Husserl, num acto de experiência de unidade que deixa ser a natureza, o mundo e o outro. Esta experiência é estranha ao pensamento técnico que vive a prometalca ilusão calculadora ou jogo maquinal e autónomo de símbolos segundo regras⁽²⁾, como capaz de tudo dominar instrumentalizando. Anuncia-se aqui o esforço humano para conferir a si mesmo, "às suas mãos, um poder absoluto só devido a ele e já não a qualquer transcendência"⁽³⁾, capaz de tudo subsumir e teórico-cognoscitivamente manipular. O escopo é eliminar o mistério, aniquilar o "Invisível do visível" e, nesse processo, a própria "condição ou essência natural-cultural do homem são também o fulcro da aposta da tecnociência"⁽⁴⁾. A técnica faz-se verdadeira "finalidade do ser na medida em que é aquilo com que o homem tenta tornar-se senhor do tempo e do espaço"⁽⁵⁾. Manipula-se então a morte, transformada em falha técnica temporária; manipula-se a experiência interior desde a afectividade até à actividade simbólica; manipula-se a reprodução; encara-se a possibilidade de manipular geneticamente a espécie⁽⁶⁾. A técnica, cuja essência não técnica entronca na negação da

(1) Cf. MERLEAU-PONTY, Maurice "Le Doute de Cézanne" in ID "Sens et Non-Sens", ed. Nagel, 1948, pág. 32. A partir daqui citado S.N.S. "Le paysage, disait-il [Cézanne], se pense en moi et je suis sa conscience". Esta é a primeira citação deste trabalho; mas mais do que isso é talvez a citação primeira, pois de algum modo o nosso esforço vai ser o de a tentar compreender.

(2) PEREIRA, Miguel Baptista "A Crise do Mundo da Vida no Universo Mediático Contemporâneo" in Revista Filosófica de Coimbra, vol. 4, nº 8, Outubro 1995, pág. 264.

(3) BRUN, Jean "A Mão e o Espírito" (trad. Portuguesa), ed. 70, 1991, pág. 102.

(4) HOTTOIS, Gilbert "O Paradigma Bioético" (trad. Portuguesa), ed. Salamandra, Lisboa, 1990, pág. 43.

(5) BRUN, J. op. cit., pág. 103

(6) HOTTOIS, G. op.cit., pág. 44-45

finitude e esquecimento da corporeidade, consubstanciada pelo modelo do "homem-máquina", desmontável em parcelas etiquetáveis, e pelo "complexo de divindade"⁽⁷⁾, torna-se assim "a grande aventura ontológica de que o homem ocidental espera obter a libertação de si próprio, ou seja, a ultrapassagem da sua condição"⁽⁸⁾.

Este paradigma técnico é dominante no mundo de hoje e, como genialmente Heidegger viu, está presente em todas as áreas da vida moderna "promovendo" o esquecimento do que no homem e no mundo é imutável e único, diversidade e riqueza, por meios de uma pressão de repetição, visível na vivência contemporânea do primado do consumo, da solidão e do "vazio"⁽⁹⁾. A par desta vivência, como reverso de uma mesma realidade, crescem as possibilidades de um holocausto genético, de catástrofes ecológicas e as ameaças da "realidade segunda do mundo das imagens ou da idiosfera"⁽¹⁰⁾, numa proclamação da "necessidade de realizar tudo o que é tecnicamente possível"⁽¹¹⁾. Neste processo leu Heidegger a "consumação da Metafísica"⁽¹²⁾ e a morte "das possibilidades reais da natureza, da vida e do homem, o aviltamento da dignidade que não é só humana mas está repartida de modo análogo pelas mais díspares regiões da natureza e da vida"⁽¹³⁾.

Em cada uma das manipulações da técnica anunciam-se, assim, sempre o fim de possibilidades: na "manipulação da morte" perdem-se as possibilidades reais de um ser que aprende no sofrimento, que se cumpre no trágico de uma finitude que o faz espantar e perguntar; na "manipulação da interioridade" esquece-se o que no homem é capacidade de sair de si e encontrar o outro, numa comunhão que afecta e forma⁽¹⁴⁾ no seio de um jogo onde, já sempre jogados, renovadamente damos figuração simbólica a uma realidade onde estamos lançados com outros; "manipulando a reprodução", aviltaremos a origem que nos liga a quem

⁽⁷⁾ PEREIRA, Miguel Baptista op. cit., pág. 265

⁽⁸⁾ BRUN, J. op. cit., pág. 103-105

⁽⁹⁾ Cf. por exemplo. LIPOVETSKY, Gilles "A Era do Vazio – Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo" (trad. portuguesa), ed. Relógio d'Água, Lisboa 1989. Ver designadamente cap. I, II, III.

⁽¹⁰⁾ PEREIRA, Miguel Baptista op. cit., pág. 217

⁽¹¹⁾ ID op. cit., pág. 218

⁽¹²⁾ ID op. cit., pág. 218

⁽¹³⁾ ID op. cit., pág. 218

⁽¹⁴⁾ Cf. GADAMER, Hans-Georg "Verdad y Metodo I" (trad. Espanhola) ed. Sígueme, Salamanca, 1993, pág. 38-48. Cf. igualmente PORTOCARRERO F. SILVA, Maria Luísa "Problemas de Hermenêutica Prática" in *Revista Filosófica de Coimbra*, Vol. 4, nº 8, Outubro 1995, pág. 327

nos precedeu e, simultaneamente, nos singulariza na renovada perguntabilidade⁽¹⁵⁾ de "pecadores abertos à salvação"⁽¹⁶⁾, capazes de aceitar o mal⁽¹⁷⁾ e superá-lo, sempre inseridos numa história ou tradição de usos, costumes e valores; no "primado do consumo" ouvem-se os gritos de uma natureza ameaçada porque reduzida a "matéria para", com o preço numa etiqueta por detrás da qual se escondem os gastos de energia, os efeitos do dióxido de carbono, a poluição das águas, a depredação da fauna e da flora – a sua importância esquecida por uma razão instrumental, funcionalizadora e neutra axiologicamente, constantemente nos chama para os cuidados que a terra, como nossa casa, exige; com a "idolosfera", onde "não há presenças nem existências mas apenas (...) aparências de ser"⁽¹⁸⁾, chegamos ao império dos modelos efémeros onde os fenómenos de inércia se aceleram, as formas paradas proliferam e o movimento se imobiliza na excrescência⁽¹⁹⁾, sob a forma de uma "hipertelia"⁽²⁰⁾ em tudo semelhante ao processo canceroso de um fim por hiperfinalidade⁽²¹⁾ - neste fluxo, o espectador dissolve-se numa errância passiva e desenraizadora de onde espera arrancar, num êxtase de traços estereotipados, irrealis e recorrentes, a esperança de um caminho, mas confunde esse caminho ou salvação possível com a fuga ao espaço e tempo próprios do seu aqui e agora lapso e fáctico, mas feixe de todas as possibilidades verdadeiras.

2. Lugares e Não-Lugares: o Espaço Vivido.

Este esquecimento do mundo da vida está hoje patente, de modo paradigmático, no "crescimento imparável da velocidade, que fascina a nossa idade técnica e tem sido investigada pela Dromologia"⁽²²⁾. Esse crescimento da velocidade é atravessado por um profundo "mal estar do tempo e do espaço". Ora, sem uma reflexão que devolva a esse tempo e espaço a sua fisionomia originária e a sua força criadora capaz da alegria, é bem provável que o homem contemporâneo, ignorante de um saber da "casa" e do "caminho", não saiba como resistir à tendência profunda para a paralização, para a imobilidade, para a "estática, a

⁽¹⁵⁾ PORTOCARRERO F. SILVA, Maria Luísa op. cit., pág. 330

⁽¹⁶⁾ Cf. RICOEUR, Paul "Philosophie de la Volonté II – Finitude et Culpabilité", Paris, 1960. Cf. ainda PEREIRA, Miguel Baptista "Narração e Transcendência" in Separata de HUMANITAS, Vol. XLX, 1993, pág. 418

⁽¹⁷⁾ PEREIRA, Miguel Baptista "Narração e Transcendência", op. cit., pág. 418

⁽¹⁸⁾ PEREIRA, Miguel Baptista "A Crise do Mundo da Vida ...", op. cit., pág. 271

⁽¹⁹⁾ BAUDRILLARD, Jean, "As Estratégias Fatais" (trad. Portuguesa), ed. Estampa, Lisboa, 1990, pág. 13

⁽²⁰⁾ ID, op. cit., pág. 13

⁽²¹⁾ ID, op. cit., pág. 14

⁽²²⁾ PEREIRA, Miguel Baptista "A Crise do Mundo da Vida ..." op. cit., pág. 273.

inércia, a deficiência"⁽²³⁾. Indícios desta atrofia, onde "as tecnologias da interactividade instantânea nos exilam de nós mesmos e nos fazem perder a última referência fisiológica ou a massa do corpo locomotor"⁽²⁴⁾, encontramos-os nas hodiernas transformações da percepção do tempo e do espaço.

O crescimento exponencial da rapidez de circulação de informação, que nos permite "viajar" sem sair do mesmo lugar por países e épocas históricas diferentes, legou-nos, como reverso, um "excesso de tempo"⁽²⁵⁾ revelador de uma superabundância de acontecimentos de tal forma contínua e constante que o "tempo deixa de se constituir como princípio de inteligibilidade"⁽²⁶⁾. Associado a este fenómeno está uma segunda figura de excesso, a saber, a que se liga ao espaço. O excesso de espaço é igualmente a marca distintiva da "superabundância espacial do presente"⁽²⁷⁾ que se exprime na "multiplicação das referências imagéticas e imaginárias, bem como nas acelerações espectaculares dos meios de transporte"⁽²⁸⁾. Mas esta velocidade⁽²⁹⁾, ao contrair as distâncias, nega o espaço enquanto origem e solo de todo o "estar a caminho" – mesmo o filosófico que é o da procura de sentido sempre tacteante, porque nenhuma pista ou trilho nos pode colocar perante a totalidade do que se procura. Essa negação equivale à destruição do espaço sentido como local de enraizamento da minha identidade e da minha relação⁽³⁰⁾ ou, o que é o mesmo, da extensão e concretude do meu estar-no-mundo humano.

—

Recorde-se a viagem do observador atento em *A Lentidão* de Kundera, quando viajava de automóvel. Um outro carro aproximou-se a grande velocidade do seu e, na impossibilidade de ultrapassar na zona em que circulavam, viu-se obrigado a seguir numa velocidade mais lenta. Observou o casal que seguia dentro do veículo. O condutor guinava o carro para um lado e para o outro, tentando convencê-lo a acelerar. Em momento algum mexeram os lábios para falarem um com o outro; em momento algum – presume-se – se tocaram. Os dois,

⁽²³⁾ ID, op. cit., pág. 274

⁽²⁴⁾ ID, op. cit., pág. 274

⁽²⁵⁾ AUGÉ, Marc "Não-Lugares – Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade", (trad. portuguesa) ed. Bertrand, 1994, pág. 38

⁽²⁶⁾ ID, op. cit., pág. 41

⁽²⁷⁾ ID, op. cit., pág. 41

⁽²⁸⁾ ID, op. cit., pág. 41-42

⁽²⁹⁾ A velocidade absoluta será a das ondas e superará as velocidades tradicionais. Cf. PEREIRA, Miguel Baptista "A Crise do Mundo da Vida ...". op. cit., pág. 275

embriagados pela velocidade, em silêncio, estavam presos num fragmento de tempo sem passado nem futuro, arrancados à sua continuidade e fora de qualquer espaço. Naquele momento, nada saberiam sobre as suas preocupações, os seus projectos ou esperanças, nada saberiam igualmente sobre os locais por onde passavam. Dissolvidos no momento presente de uma vigem que só tinha chegada, o carro veloz, que finalmente conseguiu a ultrapassagem, era o anúncio de uma clausura de inércia. Ilustra-se assim o quanto a velocidade representa hoje uma roupagem da forma técnica de desvelamento do espaço, num último degrau do seu esquecimento, visível no florescimento imparável de "não-lugares"⁽³¹⁾. O desvelamento da técnica é, deste modo, derivado pois ao dominar esquece: ao dominar as distâncias julga dominar o espaço mas, ao fazê-lo, esquece as dimensões mais profundas desse espaço como, por exemplo, a dimensão vivida de lugar.

Enquanto é princípio de sentido para aqueles que o habitam, cada lugar é, por essência, antropológico e hermenêutico tendo pelo menos três características distintivas: "pretendem ser identitários, relacionais e históricos"⁽³²⁾. Como identitário, o "lugar antropológico"⁽³³⁾ é referência de festa e celebração de uma identidade individual, rica na sua irrepetibilidade. Em África, entre alguns povos, quando uma criança nasce, por qualquer motivo, fora da aldeia é-lhe atribuído um nome específico, inspirado num elemento da paisagem que o viu nascer⁽³⁴⁾. O espaço, como lugar vivido, é igualmente relacional, remetendo neste sentido para uma ordem

⁽³⁰⁾ Cf. AUGÉ, Marc, op. cit., pág. 57

⁽³¹⁾ ID, op. cit., pág. 42

⁽³²⁾ ID, op. cit., pág. 59

⁽³³⁾ ID, op. cit., pág. 59

⁽³⁴⁾ ID, op. cit., pág. 59. O homem comum da Europa na época medieval, tinha de forma muito arreigada esta dimensão fundamentalmente vivida do espaço. Desde logo via no mundo as qualidades que ele próprio possuía (Cf. GUREVITCH, Aron I., "As Categorias da Cultura Medieval" (trad. portuguesa), ed. Caminho, Lisboa, 1991, pág. 75) vendo-o, então, como um prolongamento de si mesmo. Provam-no os meios então utilizados para medir o espaço e que não eram outros senão próprio corpo (os seus movimentos e capacidade de agir sobre a matéria). Assim, o caminho media-se pelo número de passos (daí o "pé") e o côvado, a polgada, o dedo eram comprimentos muito divulgados, enquanto a superfície da terra cultivada se media em "jornas" (Cf. ID, op. cit., pág. 73). O homem parece-se com a Natureza (Cf. ID, op. cit., pág. 78), no sentido de uma unidade partilhada na harmonia da Criação. O espaço é a máxima proximidade (a floresta que rodeava a aldeia era o "para lá do espaço"). Também a arquitectura medieval traduz esta vivência particular do espaço. Nas catedrais góticas o plano interior, a cúpula, o altar, as capelas adjacentes, deviam oferecer uma imagem completa da ordem do universo (Cf. ID, op. cit., pág. 91), o que seria possível por meio de uma "espiritualização" do espaço que traduziria um infinito organizado e rítmico (ID, op. cit., pág. 110). A forma mais respeitada de viagem na Idade Média, a peregrinação, pode ser vista como marca igualmente importante da relação ao espaço: não representava um simples movimento espacial (neste sentido em relação a lugares santos), mas um encaminhamento espiritual em direcção a Deus (Cf. ID, op. cit., pág. 94). A "deslocação topográfica" (ID, op. cit., pág. 94) era caminho de aperfeiçoamento moral e representava uma modificação interior do homem. Resumindo, o simbolismo Cristão "duplicava" o mundo e dava ao espaço uma dimensão nova, suplementar,

segundo a qual todos os seus elementos vivem "em relações de coexistência"⁽³⁵⁾. Nas novas cidades, resultantes de projectos de urbanismo tecnicista, não existem estes locais de vida e o sentimento de isolamento e cárcere traz consigo a nostalgia de "uma vida produzida por uma história mais antiga e lenta"⁽³⁶⁾: história essa onde à porta da igreja, da Câmara, da padaria ou ao balcão do café, se cruzam e misturam os itinerários singulares, se trocam palavras e notícias, onde há encontros e conversas nas manhãs de domingo⁽³⁷⁾. O lugar antropológico é igualmente "histórico, precisamente na medida em que escapa à história como ciência"⁽³⁸⁾; é habitado por quem vive na história e não por quem a elabora. Neste sentido é vivido por um ser de carne e osso, numa relação linguística com outros que pressupõe expectativas e nunca está isenta da ambiguidade que resiste à univocidade habitual do pensamento. Num lugar assim, enfrenta-se o nada da morte na pergunta pelo sentido que faz surgir o imperativo de dar figura ao mistério que nos envolve, "povoado pelos mortos recentes, de sinais que é necessário (...) interpretar, e de que um calendário ritual exacto desperta ou reactiva, regularmente, as forças tutelares"⁽³⁹⁾ – num exercício renovado de encontro com a fragilidade própria de uma existência finita. As auto-estradas, os comboios de alta velocidade e as vias rápidas que nos desviam das cidades, das vilas e aldeias são um símbolo do afastamento desses lugares que são espaços que se habitam. De algum modo podemos dizer que a técnica acabou por forçar o homem a esse afastamento, legando-lhe apenas os "não-lugares" (não-históricas, não-identitários, não-relacionais) de um mundo votado à individualidade solitária, à passagem e ao provisório, ao funcionalizado e ao indefinidamente substituível.

Face a tudo isto, é urgente procurar para além (ou, talvez melhor, para aquém) dos não-lugares da técnica, cujo modelo de espaço é o geométrico – mensurável e exaurível –, os lugares de sentido inscrito e simbolizado⁽⁴⁰⁾, cujo modelo será o do espaço vivido onde é possível "repetir a experiência regozijante e silenciosa da infância"⁽⁴¹⁾, estar com outro e passar a

invisível aos olhos, estranho à medida, mas acessível e compreensível, se interpretado (ID, op. cit., pág. 103) na sua realidade profundamente simbólica. O espaço tinha uma estrutura e organização próprias (ID, op. cit., pág. 111).

⁽³⁵⁾ ID, op. cit., pág. 60

⁽³⁶⁾ ID, op. cit., pág. 73

⁽³⁷⁾ Cf. ID, op. cit., pág. 73 "... no pachorrento ritmo de alguma província que ainda existe ..."

⁽³⁸⁾ ID, op. cit., pág. 61

⁽³⁹⁾ ID, op. cit., pág. 61

⁽⁴⁰⁾ ID, op. cit., pág. 87

⁽⁴¹⁾ ID, op. cit., pág. 89

outro⁽⁴²⁾, negar a "ausência do lugar a si mesmo"⁽⁴³⁾, ouvir a natureza, caminhar, aspirar as cores e estabelecer com tudo uma vibrante permuta. Neste sentido, afirmamos a urgência de opor às realidades do transitório as da residência ou morada⁽⁴⁴⁾. Incluímo-nos nesse projecto que é o de reabilitar os esquecimentos da técnica, nomeadamente o do espaço.

Ilustrando assim a relação do homem contemporâneo com o espaço, fica então clara a urgência de recuperar um saber profundo do que é o espaço vivido, ou seja, o espaço onde se pode viver, sentir, experienciar, dar, receber, morrer. Um primeiro passo no caminho da recuperação desse saber, julgamos dever ser dado num diálogo com a obra de M. Merleau-Ponty que, logo na sua *Phénoménologie de la Perception*, distingue do espaço "geométrico" o "espaço antropológico"⁽⁴⁵⁾, enquanto espaço "vivido", lugar de uma experiência de relação com o mundo por parte de um ser essencialmente situado. Além disso, vemos com Merleau-Ponty que a esse espaço acede primeiro o artista. É ele quem, antes de todos os outros, "desse" espaço nos dá notícia, porque vive em promiscuidade com ele e sabe-se, pelo seu corpo, parte da dança do visível e do invisível que o percorre.

A questão do espaço e do seu esquecimento é percorrida pela questão do corpo e seu esquecimento. Num certo sentido, o problema do espaço insere-se na "autocrítica"⁽⁴⁶⁾ que o pensamento ocidental deve elaborar para que definitivamente se tome consciência "das consequências que podem advir de um tal esquecimento"⁽⁴⁷⁾ do espaço e do corpo. É nos escombros da Segunda Grande Guerra se "recupera"⁽⁴⁸⁾ esse ser que é pessoa concreta, valor e riqueza, dignidade e mistério, abertura incondicional e distância configuradora e corpo "trans-objectivo" marcado por uma reversibilidade telúrica, e se estabelecem as correntes de pensamento que se propõem pensar o homem na sua dimensão profundamente humana, corpórea e "praxística".

⁽⁴²⁾ Cf. ID, op. cit., pág. 89

⁽⁴³⁾ ID, op. cit., pág. 91

⁽⁴⁴⁾ As metáforas de Augé são curiosas: ao viaduto (onde não nos cruzamos) devemos opôr o cruzamento (onde nos encontramos), o passageiro (definido pelo seu destino) deve ser substituído pelo viajante (que caminha a caminho de), aos aglomerados de periferia urge opôr o monumento onde se partilha e comemora. Cf. id, op. cit., pág.90 e Seg.

⁽⁴⁵⁾ Cf. ID, op. cit., pág. 86

⁽⁴⁶⁾ GADAMER, Hans-Georg, "El Estado Oculto de la Salud" (trad. espanhola), ed. Gedisa, Barcelona, 1993, pág. 88

⁽⁴⁷⁾ Id, op. cit., pág. 87

⁽⁴⁸⁾ Cf. GADAMER, Hans-Georg "Verdad y Método II" (trad. espanhola) Ediciones Sígueme, Salamanca 1990, pág. 363

Pensar o espaço é uma tarefa que não é estranha a um pensamento da praxis humana, enquanto ligada ao problema do corpo e marcada pela experiência da finitude que é o seu verdadeiro fundamento. Defendemos, neste sentido, que a tentativa de elucidação do problema do espaço em diálogo com a filosofia merleau-pontyana constituir-se-á como contributo para uma "corrente de pensamento enraizado, interessado e comprometido, que honrará o existir desse ente que nunca coincide consigo mesmo porque é marcado por uma alteridade que o transforma em projecto, diferença entre ser e poder ser, futuridade, tarefa constante de abertura e formação de si"⁽⁴⁹⁾.

O corpo que fala, que pinta, o "corpo que sou, ou seja, o 'eu' que ele é"⁽⁵⁰⁾, o corpo "no" espaço relega a reflexão da filosofia transcendental e supera radicalmente o conceito de subjectividade transcendental como fundamento de demonstração última; impõe-se por isso a reabilitação das experiências de sentido que fundam e formam o homem⁽⁵¹⁾, como seja a experiência do espaço. Nesta experiência fica claro que "a unidade do mundo para nós não é constituída pela consciência, porque é, antes de tudo, uma relação originária do corpo com o mundo real. Por isso o corpo não institui o mundo. Já que está nele, antes de qualquer operação ou mediação do pensamento, e é a partir dessa reciprocidade que os sujeito se orienta e actua no mundo, o sente e conhece"⁽⁵²⁾; se sente, recebe e tenta decifrar sinais aprofundando o conhecimento no não-saber que o nutre; se conhece é porque "empresta o corpo" ao mundo e ao espaço ultrapassando a convicção (moderna) de que a natureza seja um objecto. O homem nada deve tentar menos do que ser "maître et possesseur de la nature" porque **a sua verdadeira grandeza pode bem ser simplesmente a de se reconhecer como elemento que, na natureza, permita à natureza expressar-se, ter voz e dignidade**⁽⁵³⁾.

3 – Os caminhos do pintor.

O fascínio pelo proclamado domínio técnico do tempo e do espaço é tal que ofusca muitas vezes a serena constatação dos conflitos profundos que continua a gerar na nossa

⁽⁴⁹⁾ SILVA, Maria Luísa Portocarrero F., "Problemas de Hermenêutica Prática" in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 4, nº 8, pág. 327.

⁽⁵⁰⁾ FERREIRA, Virgílio, "Invocação ao Meu Corpo", ed. Bertrand Editora, Venda Nova, 1994, pág. 256-257

⁽⁵¹⁾ SILVA, Maria Luísa Portocarrero F., "Problemas de Hermenêutica ...", op. cit., pág. 316

⁽⁵²⁾ ROSA, António Ramos, "A Filosofia da Imanência Radical" citado por PITA, António Pedro, "O Poético e os Saberes" in VÁRIOS, "Poesia da Ciência, Ciência da Poesia", ed. Escher, Lisboa, 1992, pág. 166.

⁽⁵³⁾ Cf. PEREIRA, Miguel Baptista, "A Crise do Mundo da Vida ...", op. cit., pág. 167

existência esse duplo referencial fundador⁽⁵⁴⁾, pois longe de poderem ser dominados, tempo e espaço exigem antes ser por nós reconquistados. Não o conseguiremos se nos perdermos no hedonismo que, face à tragédia anunciada, procura a diversão até à morte, ou no afã irresponsável de uma construção contínua de novas máquinas⁽⁵⁵⁾ porque aí nunca veremos que a nossa gratidão para com a técnica "deve permanecer incompleta"⁽⁵⁶⁾. Esta consciência só se insinua em nós sob a forma de uma melancolia profunda por vermos "que o ritmo de vida assim criado nos torna violentos"⁽⁵⁷⁾ e nos faz esquecer valores essenciais, como o habitar (o espaço vivido), de que o pensamento ecológico denunciou a usurpação e uma nova formulação da questão do Ser a manipulação e o esquecimento. É uma "hermenêutica do perigo" que nos alerta e nós impõe uma forma de pensar que "pré-sinta a realidade valiosa ameaçada (...) de desumanização total"⁽⁵⁸⁾, desumanização essa que, vimos, conduziu ao florescimento de não-lugares.

O primeiro e decisivo passo nesse sentido dá-o o pintor (1ª Parte/Capítulo 1). É com ele que aprendemos o que é o espaço porque é ele que primeiro compreende - porque as vive - as relações entre o olho e o espaço. Colocada a questão do espaço a partir do pintor, deparamo-nos então com três discursos que constantemente se entrecruzam como ingredientes de uma mesma realidade: um discurso do olhar, um discurso do corpo e um discurso do espaço. Veremos que estes três discursos são um só. Percepção e corpo devem então começar por ser analisadas a partir do pintor que nos dá, com o seu exemplo, o modo correcto de as interpretar. Falamos aqui do modo de apropriação e desenvolvimento da fenomenologia de Husserl por Merleau-Ponty no contexto da "fenomenologia francesa"⁽⁵⁹⁾ (1ª Parte/ Capítulo 2). Daqui retiraremos a ideia de uma presença concreta no espaço, em comunhão com ele numa relação mais antiga do que qualquer forma de conhecimento. A partir desse elementos que

⁽⁵⁴⁾ Cf. MINKOWSKI, Eugène, "Le Temps Vécu", ed. Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1968, pág. 1

⁽⁵⁵⁾ Cf. POSTMAN, Neil "Amusing Ourselves to Death" citado por PEREIRA, Miguel Baptista "A Crise do Mundo da Vida ...", op. cit., pág. 270. Nesta referência está ainda subjacente a leitura de POSTMAN, Neil, "Tecnopolia – Quando a cultura se rende à Tecnologia" (trad. portuguesa) ed. Difusão Cultural, Lisboa, 1993

⁽⁵⁶⁾ MINKOWSKI, E., op. cit., pág. 1

⁽⁵⁷⁾ ID, op. cit., pág. 1

⁽⁵⁸⁾ PEREIRA, Miguel Baptista, "A Crise do Mundo da Vida ...", op. cit., pág. 270. Cf. igualmente ID "Informática, Apocalíptica e Hermenêutica do Perigo" in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 5, nº 9, Março de 1996, pág. 3-52.

⁽⁵⁹⁾ Cf. SPIELBERG, H. "The Phenomenological Movement – a historical introduction", ed. Martinus Nijhoff, The Hague / Boston / London, 1982, pág. 428. Cf. ainda PITA, António Pedro, "A Intencionalidade e o Mundo dos Artistas" in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 5, nº 9, Março de 1996, pág. 75

veiculam do espaço uma verdade e significação antepredicativa, pré-temática, reconheceremos essa ligação como "carnal" e o corpo como sua dobra vidente-visível. Uma fenomenologia que nos permita interrogar o espaço com ingenuidade ajudar-nos-á nesta reflexão mas, para acompanhar a fenomenalização carnal que esse espaço representa, fenomenalização que me percorre e espacializa, devemos avançar por uma ontofenomenologia do espaço(1ª Parte / Capítulo 3). Ora, ao concretizar a consciência – que é, enquanto intencionalidade, abertura a um sentido que a excede – como capacidade de um Corpo-sujeito num mundo e num espaço já aí, e ao traduzir – num mesmo movimento – a intencionalidade em termos de percepção⁽⁶⁰⁾ de um corpo "incrustado" no mundo, é a própria realidade de um espaço vivido onde a verdade do espaço, prévia às modelações da ciência que dela derivam, se impõe à reflexão(2ª Parte / Capítulo 1). Esta será complementada por uma arqueologia do espaço feita através das noções de profundidade (2ª Parte / Capítulo 2), movimento (2ª Parte / Capítulo 3) e tempo (2ª Parte / Capítulo 4) que revelará essa ontofenomenologia como ontotopologia ou ontotópica.

Com esta análise pretendemos sustentar uma tese, simples na sua formulação, mas cuja fundamentação continuará necessariamente muito para além do presente trabalho: quando olha uma paisagem, o pintor não sabe por vezes quem olha e quem é olhado; nesta dúvida reside a verdade de um espaço cujo sentido último reside no facto de, literalmente, fazer a nossa situação, nos espacializar no momento em que nos convoca a ser dobra da aparição do aparecer – ou seja, do que estará sempre para pintar. Dito de outro modo, o objectivo deste trabalho é o de apresentar como questão do espaço, e esclarecê-la como tal, a ideia de que **"podemos afirmar literalmente que o espaço mesmo se sabe através do meu corpo"**⁽⁶¹⁾.

⁽⁶⁰⁾ Isto é o que permite, utilizando a célebre expressão sartriana, "reinstalar o horror e o encanto nas coisas (...), restituir o mundo dos artistas e dos profetas: espantoso, hostil, perigoso, com ancoradouros de amor e de graça". Cf. SARTRE, Jean-Paul, "Une Idée Fondamentale de la Phénoménologie de Husserl: l'Intentionnalité" in ID, *Situations I*, ed. Gallimard, Paris, 1947, pág. 31.

⁽⁶¹⁾ MERLEAU-PONTY, M., "Le Philosophe et son Ombre" in ID, "Éloge de la Philosophie et Autres Essais", ed. Gallimard, Paris 1971, pág. 257 – a partir daqui citado E.Ph.E. Quando nos referirmos a outro ensaio deste volume indicaremos antes o respectivo nome seguido das letras que identificam a obra.

BIBLIOGRAFIA

a) Obras de Merleau-Ponty consultadas:

MERLEAU-PONTY, Maurice, "La Structure du Comportement", ed. Presses Universitaires de France, Paris 1953

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Phénoménologie de la Perception", ed. Gallimard, Paris, 1945

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Humanisme et Terreur – Essai sur le problème Communiste", ed. Gallimard, Paris, 1947

MERLEAU-PONTY, Maurice, "L'Union de L'Âme et du Corps chez Malabranche, Biran et Bergson" (notas de curso de Merleau-Ponty na École Normal Supérieur, 1947-1948, recolhidas por J. Deprun) ed. J. Vrain, Paris, 1968

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Sens et Non-Sens", ed. Nagel, collections Pensée, 1948

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Éloge de La Philosophie", ed. Gallimard, Paris, 1949

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Les Aventures de la Dialectique", ed. Gallimard, Paris, 1955

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Signes", ed. Gallimard, Paris, 1960 (Utilizada trad. portuguesa "Sinais", edição Minotauro, 1962)

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Résumés de Cours – Collège de France, 1952-1960, ed. Gallimard, Paris, 1968

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Les Sciences de L'Homme et la Phénoménologie", Paris, Centre de Documentation Universitaire (C.D.U.), Paris 1950-51

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Éloge de la Philosophie, et Autres Essais", ed. Gallimard, Paris, 1971

MERLEAU-PONTY, Maurice, "L'Oeil et L'Esprit", ed. Gallimard, Paris, 1967

MERLEAU-PONTY, Maurice, "La Prose du Monde", ed. Gallimard, Paris, 1969

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Le Visible et L'Invisible", ed. Gallimard, Paris, 1967

MERLEAU-PONTY, Maurice, "Notes de Cours – 1959-1961", ed. Gallimard, Paris, 1996

— "Sartre, Merleau-Ponty: les Lettres d'une Rupture" in *Magazine Littéraire*, n° 320, Abril 1994, pp. 67-86

b) Obras sobre Merleau-Ponty e outras:

- AAVV, "Husserl", in *Cahiers de Rayonnement Philosophique*, n° III, Éditions de Minuit, Paris, 1959
- ANTUNES, Manuel, "Grandes Contemporâneos", Editorial Verbo, Lisboa, 1973
- AUGÉ, Marc, "Não-Lugares – Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade" (trad. portuguesa), ed. Bertrand, 1994
- BARBARAS, Renaud, "DE L'Être du Phénomène – Sur L'Ontologie de Merleau-Ponty", ed. Millon, Collection Krisis, Grenoble, 1991
- BARBARAS, Renaud, "Merleau-Ponty", ed. Ellipses, Paris 1997
- BARBARAS, Renaud, "Phénoménalité et Signification dans *Le Visible et L'Invisible*"⁽¹⁾, in *Les Cahiers de Philosophie*, n° 7, 1989, pp. 25 – 53
- BARBARAS, Renaud, "De la Parole à L'Être: Le Problème de L'Expression Comme Voie d'Accès à L'Ontologie" in HEIDSIECK, François (direc.) *Merleau-Ponty, le Philosophe et son Langage*, Recherches sur la Philosophie et le Langage, n° 15, Grenoble, 1993, pp. 61-81
- BARBARAS, Renaud "Motricité et Phénoménologie chez le Dernier Merleau-Ponty"⁽³⁾ in RICHIR, Marc e TASSIN, E. (org.), *Merleau-Ponty – Phénoménologie et Expérience* ed. Millon, Grenoble, 1992, pp 27-42
- BARBARAS, Renaud, "Le Tournant de l'Expérience – Recherches sur la Philosophie de Merleau-Ponty" (inclui (1), e (3)) ed. Vrin, Paris, 1998
- BARBARAS, Renaud, "Le Dédoublement de l'Originare" in MERLEAU-PONTY, M. "Notes de Cours sur L'Origine de la Géométrie de Husserl suivi de Recherches sur la Phénoménologie de Merleau-Ponty sous la direction de R. Barbaras", ed. P.U.F., Paris, 1998, pp.289-303
- BARBARAS, Renaud, "Avant-Propos", in VÁRIOS, *L'Espace Lui-même*, Revue ÉPOKHÈ 4 (direcção de Marc Richir, número coordenado por Renaud Barbaras), ed. Millon, Grenoble, 1994, pp. 7-9
- BAUDRILLARD, Jean, "As Estratégias Fatais", (trad. portuguesa), ed. Estampa, Lisboa, 1990
- BERNET, Rudolf "Le Sujet dans la Nature – Réflexions sur la Phénoménologie de la Perception chez Merleau-Ponty" in RICHIR, Marc e TASSIN, E. (org.), *Merleau-Ponty – Phénoménologie et Expérience* ed. Millon, Grenoble, 1992, pp. 57-77

- BRUN, Jean, "A Mão e o Espírito", (trad. portuguesa), ed. 70, 1991
- BRUZINA, Rudolf, "Logos and Eidos", ed. Mouton, The Hague, 1970
- CÂMARA, José Bettencourt; "Do Espírito do Pintor ao Olhar do Filósofo", ed. Salamandra, Lisboa, 1996
- CANTISTA, Maria José, "Reflexões sobre a Ontologia de Merleau-Ponty", in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXVII – 3 – 1971, Braga, 1971, pp 289-299
- CANTISTA, Maria José, "Fenomenologia e Percepção em Maurice Merleau-Ponty", in *Revista Portuguesa de Filosofia*, fasc. 4, Braga, 1985
- CAPALBO, Creusa, "L'Historicité chez Merleau-Ponty", in *Revue Philosophique de Louvain*, Tome 73, quatrième série, n° 19, Août, 1975
- CARBONE, Mauro, "Le Sensible et l'Excédent. Merleau-Ponty et Kant" in MERLEAU-PONTY, M. "Notes de Cours sur L'Origine de la Géométrie de Husserl suivi de Recherches sur la Phénoménologie de Merleau-Ponty sous la direction de R. Barbaras", ed. P.U.F., Paris, 1998, pp. 163-191
- CASSIRER, Ernest, "La Philosophie des Formes Symboliques" (trad. francesa), ed. Minuit, Paris, 1972
- CHATELÉT, François, "História da Filosofia" (trad. portuguesa), ed. Dom Quixote, Lisboa, 1974
- COELHO, Eduardo Prado "As Formas do Invisível ou a Duplicidade das Cidades" in CENTENO, Yvette K. e Freitas, Lima de (Coord.) *A Simbólica do Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins*, ed. Editorial Estampa, Lisboa 1991, pp. 239-248
- DASTOUR, Françoise "Merleau-Ponty et la Pensée du Dedans" in RICHIR, Marc e TASSIN, E. (org.), *Merleau-Ponty – Phénoménologie et Expérience* ed. Millon, Grenoble, 1992, pp. 43-56
- DAULIACH, Catherine, "Expression et Onto-anthropologie chez Merleau-Ponty" in MERLEAU-PONTY, M. "Notes de Cours sur L'Origine de la Géométrie de Husserl suivi de Recherches sur la Phénoménologie de Merleau-Ponty sous la direction de R. Barbaras", ed. P.U.F., Paris, 1998, pp. 305-330
- DECRIEM-FRANKSEN, Roger, "Le Processus Ouvert de la Chair et le Problème du Chiasme Comme Accession à L'Intro-Ontologie", in HEIDSIECK, François (direc.) *Merleau-Ponty, le Philosophe et son Langage*, Recherches sur la Philosophie et le Langage, n° 15, Grenoble, 1993, pp115-139

- DELEUZE, G. e GUATTARIE, F., "Mille Plateaux. Capitalisme et Schizofrenie 2", Les Éditions de Minuit, Paris, 1980
- DE WAELEHENS, Alphonse, "Une Philosophie de L'Ambigüité – L'Existencialisme de Maurice Merleau-Ponty", ed. Publications Universitaires de Louvain, Louvain, 1951
- DIDI-HUBERMAN, Georges, "Devant L'Image", ed. Les Éditions de Minuit, Paris, 1990
- DIDI-HUBERMAN, Georges, "Ce Que nous Voyons, Ce Qui Nous Regarde", ed. Les Éditions de Minuit, Paris, 1992
- DIDI-HUBERMAN, Georges, "La Peinture Incarnée", ed. Les Éditions de Minuit, Paris, 1992
- DÜCHTING, Hajo, "Paul Cézanne", (trad. Portuguesa), ed Tachen, s/d.
- ELGAR, Frank, "Cézanne" (trad. portuguesa), ed. Verbo, Lisboa, 1987
- ENTRALGO, Pedro Laín, "El Cuerpo Humano. Teoría Actual", ed, Espasa-Universidad, Madrid, 1989
- FERREIRA, Virgílio, "Invocação ao Meu Corpo", ed. Bertrand Editora, Venda Nova, 1994
- FINK, Eugen, "De La Phénoménologie" (trad. francesa), ed. Les Éditions de Minuit, Paris, 1966
- FINK, Eugen, "Le Jeu Comme Symbole du Monde", (trad. francesa), ed. Les Éditions de Minuit, Paris, 1993
- FINK, Eugen, "Proximité et Distance" (trad. francesa), ed. Millon, collection Krisis, Grenoble, 1994
- FREITAS, Lima de "Orientações: Notas para uma Hermenêutica das Direcções do Espaço" in CENTENO, Yvette K. e Freitas, Lima de (Coord.) *A Simbólica do Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins*, ed. Editorial Estampa, Lisboa 1991, pp. 250-265
- GADAMER, Hans-Georg, "Verdad y Método I", (trad. espanhola), Ediciones Sígueme, Salamanca, 1990
- GADAMER, Hans-Georg, "Verdad y Método II", (trad. espanhola), Ediciones Sígueme, Salamanca, 1994
- GADAMER, Hans-Georg, "A Razão na Época da Ciência", (trad. portuguesa) ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1983
- GADAMER, Hans-Georg, "El Estado Oculto de la Salud", (trad. espanhola), ed. Gediva, Barcelona, 1996

- GARELLI, Jaques "Voir Ceci et Voir Selon", in RICHIR, Marc e TASSIN, E. (org.), *Merleau-Ponty – Phénoménologie et Expérience* ed. Millon, Grenoble, 1992, pp. 79-99
- GIL, José, "Metamorfoses do Corpo", ed. Relógio D'Água, Lisboa, 1997 (2ª edição)
- GIL, José, "A Imagem Nua e as Pequenas Percepções – Estética e Metafenomenologia", ed. Relógio D'Água, Lisboa, 1986
- GUREVITCH, Aron I., "As Categorias da Cultura Medieval" (trad. portuguesa) ed. Caminho, Lisboa, 1991
- HAAR, Michel, "Proximité et Distance vis-à-vis de Heidegger chez le dernier Merleau-Ponty" in MERLEAU-PONTY, M. "Notes de Cours sur L'Origine de la Géométrie de Husserl suivi de Recherches sur la Phénoménologie de Merleau-Ponty sous la direction de R. Barbaras", ed. P.U.F., Paris, 1998, pp. 123-145
- HAAR, Michel, "Peinture, Perception, Affectivité" in RICHIR, Marc e TASSIN, E. (org.), *Merleau-Ponty – Phénoménologie et Expérience* ed. Millon, Grenoble, 1992, pp. 101-122
- HIROSE, Koji, "L'Institution de L'Oeuvre Chez Merleau-Ponty" in HEIDSIECK, François (direc.) *Merleau-Ponty, le Philosophe et son Langage*, Recherches sur la Philosophie et le Langage, n° 15, Grenoble, 1993, pp. 153-167
- HOTTOIS, Gilbert "O Paradigma Bioético" (trad. portuguesa), ed. Salamandra, Lisboa, 1990
- HUISMAN, Denis, "Dictionnaire des Philosophes" (2 volumes), ed. P.U.F., Paris, 1984 (e 1993).
- HUSSERL, Edmund, "A Filosofia como Ciência do Rígor" (trad. portuguesa com prefácio de Joaquim de Carvalho), ed. Atlântida, Ciombra, 1964
- HUSSERL, Edmund, "Idées Directrices pour une Phénoménologie", ed. Gallimard, Paris, 1950
- HUSSERL, Edmund, "La Terre Ne Se Meut Pas" (trad. francesa), ed. Les Éditions de Minuit, Paris 1989
- KANDINSKY, Wassily, "Do Espiritual na Arte" (trad. portuguesa), ed. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991
- LEFORT, Claude, "Le Corps, La Chair", in *L'ARC* (número dedicado a Merleau-Ponty), ed. Duponchelle, Paris, 1990, pp 5-18

- LEFORT, Claude, "Le Sens de l'Orientation" in MERLEAU-PONTY, M. "Notes de Cours sur L'Origine de la Géométrie de Husserl suivi de Recherches sur la Phénoménologie de Merleau-Ponty sous la direction de R. Barbaras", ed. P.U.F., Paris, 1998, pp. 221-238
- LEFORT, Claude, "Merleau-Ponty" in VÁRIOS *Histoire de la Philosophie III – vol. 2*, Folio Essais, ed. Gallimard, Paris 1999, pp. 692-706
- LÉVINAS, Emmanuel, "Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger", (trad. portuguesa), ed. Instituto Piaget, Lisboa 1997
- LÉVI-STRAUSS, Claude, "De Quelques Rencontres", in *L'ARC* (número dedicado a Merleau-Ponty) ed. Duponchelle, Paris, 1990, pp. 43-47
- LIPOVETSKY, Gilles "A Era do Vazio" (trad. portuguesa) ed. Relógio D'Água, Lisboa, 1989
- MACIEL, Sônia Maria, "Corpo Invisível – uma nova leitura na filosofia de Merleau-Ponty", ed. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1997
- MASUDA, Kasuo, "La Dette Symbolique de la Phénoménologie de la Perception", in HEIDSIECK, François (diréc.) *Merleau-Ponty, le Philosophe et son Langage*, Recherches sur la Philosophie et le Langage, n° 15, Grenoble, 1993, pp. 225-243
- MATOS DIAS, Isabel "Maurice Merleau-Ponty: Une Esthéséologie Ontologique", in MERLEAU-PONTY, M. "Notes de Cours sur L'Origine de la Géométrie de Husserl suivi de Recherches sur la Phénoménologie de Merleau-Ponty sous la direction de R. Barbaras", ed. P.U.F., Paris, 1998, pp. 269
- MERCURY, Jean-Yves, "La Peinture: une Alchimie Corporelle" in HEIDSIECK, François (diréc.) *Merleau-Ponty, le Philosophe et son Langage*, Recherches sur la Philosophie et le Langage, n° 15, Grenoble, 1993, pp. 261-289
- MINKOWSKI, Eugéne "Le Temps Vécu", ed. Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1968
- NEBREDA, Jesus "La Fenomenologia del Linguage de Maurice Merleau-Ponty", ed. Publications de la Universidad Pontificia Camillas, Madrid, 1981
- PANOWSKY, Erwin, "La Perspective comme Forme Symbolique" (trad. francesa), ed. Les Éditions de Minuit, Paris, 1997
- PATOČKA, Jean, "Papiers Phénoménologiques" (trad. francesa), ed. J. Millon, Collection Krisis, Grenoble, 1995

- PATOČKA, Jean, "Phénoménologie et Métaphysique du Mouvement", in VÁRIOS, *L'Espace Lui-même*, Revue ÉPOKHÈ 4 (direcção de Marc Richir, número coordenado por Renaud Barbaras), ed. Millon, Grenoble, 1994, pp. 131-144
- PEREIRA, Miguel Baptista "Do Biocentrismo à Bioética ou da Urgência de um Paradigma Holístico" in *Revista Filosófica de Coimbra*, Vol. 1, número 1, Março de 1992
- PEREIRA, Miguel Baptista, "Narração e Transcendência", separata de HUMANITAS, Vol. XLV, (1992)
- PEREIRA, Miguel Baptista "Retórica, Hermenêutica e Filosofia", in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 3, número 5, Março de 1994
- PEREIRA, Miguel Baptista, "A Crise do Mundo da Vida no Universo Mediático Contemporâneo" in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 4, número 8, Outubro de 1995
- PERRUCHOT, Henri, "Cézanne" (trad. portuguesa), ed. Aster, Porto
- PETRICEK, Miroslav, "Le Projet Philosophique de Patočka et le Problème de l'Espace", in VÁRIOS, *L'Espace Lui-même*, Revue ÉPOKHÈ 4 (direcção de Marc Richir, número coordenado por Renaud Barbaras), ed. Millon, Grenoble, 1994, pp. 145-158
- PETITOT, Jean, "Topologie Phénoménale: Sur l'Actualité Scientifique de la phisis Phénoménologique de Merleau-Ponty" in HEIDSIECK, François (direc.) *Merleau-Ponty, le Philosophe et son Langage*, Recherches sur la Philosophie et le Langage, n° 15, Grenoble, 1993, pp. 291-312
- PITA, António Pedro, "O Poético e os Saberes", in Vários, "Poesia da Ciência, Ciência da Poesia", ed. Escher, Lisboa, 1992
- PITA, António Pedro, "O Texto Filosófico e a Experiência Estética de Mundo" in Vários, "O Texto Filosófico" (comunicações do Décimo Primeiro Encontro de Filosofia), ed. A.P.F., Coimbra 1997, pp. 7-19
- PITA, António Pedro, "Mikel Dufrenne. A Experiência Estética como Experiência do Mundo ou uma Ética Demonstrada à Maneira dos Estetas", Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1995
- PITA, António Pedro, "Modos de Inscrição do Corpo na Filosofia e na Experiência Estética" in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 7, n° 14, Outubro de 1998, pp. 281-294

- PITA, António Pedro, "Experiência Estética e a *Priori*" in VÁRIOS, *O Homem e o tempo – Liber Amicorum para Miguel Baptista Pereira*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Eng. António de Almeida, Porto 1999, pp139-178
- PONTALIS, J. B., "Présence, Entre les Signes, Absence", in *L'ARC* (número dedicado a Merleau-Ponty), ed. Duponchelle, Paris, 1990, pp. 56-66
- POSTMAN, Neil, "Tecnopolia" (trad. portuguesa), ed. Difusão Cultural, Lisboa, 1992
- RAMOND, Charles, "Sur un Verbe Manquant – Espace qualifié et espace quantifié dans la philosophie de Spinoza" in VÁRIOS, *L'Espace Lui-même*, Revue ÉPOKHÈ 4 (direcção de Marc Richir, número coordenado por Renaud Barbaras), ed. Millon, Grenoble, 1994, pp. 31-43
- REGNAULD, Hervé, "L'Espace, une Vue de l'Esprit?", ed. Presses Universitaires de Rennes, Rennes, 1998
- RICHIR, Marc, "Phénomène, Temps et Être – Ontologie et Phénoménologie", ed. Millon, Collection Krisis, Grenoble, 1987
- RICHIR, Marc, "La Défenestration", in *L'ARC* (número dedicado a Merleau-Ponty), ed. Duponchelle, Paris, 1990, pp. 31-42
- RICHIR, Marc, "Méditations Phénoménologiques – Phénoménologie et Phénoménologie du Langage", ed. Millon, Collection Krisis, Grenoble, 1992
- RICHIR, Marc, "Le Sensible dans le Rêve", in MERLEAU-PONTY, M. "Notes de Cours sur L'Origine de la Géométrie de Husserl suivi de Recherches sur la Phénoménologie de Merleau-Ponty sous la direction de R. Barbaras", ed. P.U.F., Paris, 1998, pp. 239-254
- RICHIR, Marc, "L'Espace Lui-même: libres variations phénoménologiques" in VÁRIOS, *L'Espace Lui-même*, Revue ÉPOKHÈ 4 (direcção de Marc Richir, número coordenado por Renaud Barbaras), ed. Millon, Grenoble, 1994, pp. 159-174
- RICCEUR, Paul, "Du Texte à L'Action – Essais d'Herméneutique , 2", ed. Seuil, Paris, 1986
- ROSA, António Ramos, "A Parede Azul – Estudos sobre Poesia e Artes Plásticas", ed. Caminho, Lisboa, 1991
- ROVIELLO, Anne-Marie, "Les Écarts du Sens" in RICHIR, Marc e TASSIN, E. (org.), *Merleau-Ponty – Phénoménologie et Expérience* ed. Millon, Grenoble, 1992, pp. 161-184
- SARTRE, Jean-Paul, "Situations I", ed. Gallimard, Paris, 1947

- SILVA, Maria Luísa Portocarrero, F., "Corpo Vivo: Do Corpo-Objecto ao Corpo Consciente" in *Igreja e Missão – revista Missionária de Cultura e Actualidade*, 1992
- SILVA, Maria Luísa Portocarrero F., "Problemas de Hermenêutica Prática", in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 4, número 8, Outubro de 1995
- SILVA, Maria Luísa Portocarrero F., "Filosofia, Praxis e Hermenêutica: a Perspectiva de H-G. Gadamer" in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 6, número 11, Março de 1997, pp 63-84
- SIMÉON, J.P., "Vérité et Idéologie", in *L'ARC* (número dedicado a Merleau-Ponty), ed. Duponchelle, Paris, 1990, pp. 48-53
- SPIELBERG, H., "The Phenomenological Movement – A Historical Introduction" (2 volumes), ed. Martinus Nijhoff, The Hague, 1965
- TILLIETTE, Xavier, "La Démarche Ontologique de Merleau-Ponty" in HEIDSIECK, François (direc.) *Merleau-Ponty, le Philosophe et son Langage*, Recherches sur la Philosophie et le Langage, n° 15, Grenoble, 1993, pp. 371-387
- VIDAL, Anne-Marie, "La Fibre Poétique de la Pensée de Merleau-Ponty" in HEIDSIECK, François (direc.) *Merleau-Ponty, le Philosophe et son Langage*, Recherches sur la Philosophie et le Langage, n° 15, Grenoble, 1993, pp. 389-413
- VILLELA-PETIT, Maria, "Le Soi Incarné" in HEIDSIECK, François (direc.) *Merleau-Ponty, le Philosophe et son Langage*, Recherches sur la Philosophie et le Langage, n° 15, Grenoble, 1993, pp. 415-447
- VIRILLIO, Paul, "A Inércia Polar", (trad. portuguesa), ed. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993
- WORMS, Frédéric, "Entre Intuition et Réflexion. Le Sens de la Critique dans la Phénoménologie de Merleau-Ponty", in MERLEAU-PONTY, M. "Notes de Cours sur L'Origine de la Géométrie de Husserl suivi de Recherches sur la Phénoménologie de Merleau-Ponty sous la direction de R. Barbaras", ed. P.U.F., Paris, 1998, pp. 193-219

ÍNDICE

Nota Prévia	II
Tabela de Abreviaturas	III
Introdução	1
Primeira Parte – Do Espaço como Espacializante: na Escola da Pintura	
Capítulo 1 – Do espaço que o pintor pensa em pintura	13
1 – A dúvida de Cézanne ou a insurreição do espaço	14
2 – Do corpo que se "empresta" ao espaço que nos olha	18
3 – O espaço como <i>Topos</i> de uma <i>Sinnegebung</i> espacializante	23
4 – Aparência, aparecer e aparição do aparecer: o espaço como índice da gênese da mútua pertença	27
Capítulo 2 – Leituras de Husserl	33
1 – A sombra de Husserl: Redução Fenomenológica e Atitude Natural	34
2 – <i>Wesenchau</i> , Percepção e Intencionalidade	41
3 – Do corpo perceptivo	47
Capítulo 3 – Espaço e Carne ou do espaço que espacializa	62
1 – A desorientação e o cubo	63
2 – Do espaço espacializante: a caminho de uma intra-ontologia	72
3 – Espaço e carne ou da urgência de uma Ontofenomenologia do espaço	77

Segunda Parte – Para uma Arqueologia do Espaço: os alicerces de uma nova *Tópica*

Capítulo 1 – O espaço vivido	91
1 – O vivido que o espaço é: o horizonte	92
2 – Mito, sonho e poesia: o espaço e o "jogo" da profundidade	99
Capítulo 2 – Profundidade: a "primeira" dimensão do espaço	109
1 – A profundidade para "aquém" da largura e da grandeza aparente	110
2 – "Aparição" e "presença" do espaço	117
3 – O espaço como profundidade carnal	121
Capítulo 3 – Espaço e movimento: do mover que eu não contendo	137
1 – Modulações de um meio desde sempre familiar: o movimento vivido	138
2 – O movimento como explicação de uma <i>praxis</i> na profundidade do espaço	144
3 – Do movimento espacializante	151
Capítulo 4 – Espaço-Tempo	157
1 – O "momento" da "situação"	158
2 – As "marcas" do tempo	161
3 – Tempo e Carne: temporalização espacializante	169
Conclusão	180
Bibliografia	185
Índice	194

